



Cristovam e Lauro Campos fizeram campanha na UnB

PT quer incriminar Valmir com dossiê

O PT está organizando um dossiê que consta de todas as inaugurações de obras a que comparece o governador Joaquim Roriz, acompanhado de seu candidato à sucessão, Valmir Campelo. "Estamos juntando as provas para apresentá-las à Justiça Eleitoral, porque Roriz utiliza as inaugurações de obras para pedir voto para Campelo", afirmou ontem o petista Cristovam Buarque, que também concorre ao GDF, durante visita à UnB. Segundo ele, isto se caracteriza como crime eleitoral.

O candidato do PT lembrou, no entanto, que no momento não pretende abrir discussões com adversários. Cristovam ressaltou que a Frente Brasília do DF não pretende alterar os rumos de sua campanha a exemplo do que vai ocorrer com a de Luiz Inácio Lula da Silva, candidato a presidente. Avesso a comentar pesquisas eleitorais, Cristovam acha que sua campanha vai começar a crescer agora, com os militantes sentindo a proximidade de 3 de outubro e a polarização com Fernando Henrique Cardoso e Valmir Campelo.

"Minha campanha tem a mesma característica das de Luiza Erundina, Olívio Dutra e Patrus Ananias quando concorreram a eleições para prefeituras de capitais. Em 15 dias eles viraram a mesa e saíram vitoriosos, apesar de

meses antes estarem com baixo desempenho em pesquisas", afirmou Cristovam Buarque.

Na UnB, o candidato preferiu falar sobre sua proposta de doação de um salário mínimo a cada família carente com algum filho matriculado na escola pública. Segundo ele, isso impediria que estas crianças deixassem os estudos para ingressar no mercado de trabalho. "Quando o assunto é construção de grandes obras, todos acham que é viável, mas desacreditam em propostas sociais como esta", lembrou. Segundo ele, o custo deste projeto do salário-abono sairia a R\$ 12 milhões anuais. "Mais barato que muitas obras", salientou.

Cristovam aproveitou sua passagem pela UnB para rebater todas as críticas que têm sido feitas a ele de que em seu mandato na reitoria da universidade, inúmeras greves foram deflagradas por funcionários e professores. "Estas paralisações não eram contra minha administração, mas em protesto ao Ministério da Educação. Todas as reivindicações internas destas duas categorias eram no nível do possível porque reconheciam que minha administração era transparente", afirmou. Segundo ele, esta também seria sua relação com o movimento sindical do DF, caso fosse eleito para o Buriti.